

MÁRIO DE ANDRADE: ANOTAÇÕES SOBRE ALGUMAS PALAVRAS PERDIDAS NO TEMPO

*Domingos Carvalho da Silva**

As referências de Mário de Andrade, na *Paulicéia Desvairada* e no *Losango Cáqui*, a pessoas hoje, em alguns casos, desconhecidas e a casas de comércio, salões, práticas e costumes que desapareceram, podem dificultar na época atual o entendimento de muitos versos de tais livros. Quem poderá daqui a alguns anos, desaparecidos os contemporâneos de Mário de Andrade e da Paulicéia do seu tempo, identificar o "meu xará maravilhoso" do poema "Domingo", ou decifrar, no mesmo poema, a alusão ao "Jardim América das rosas e dos pontapés"?

Foi para facilitar a decifração desses e de outros aparentes "enigmas" que planeamos a elaboração desta crônica, com as limitações de quem se vale apenas das fontes da memória; e, para evitar o "suspense", vamos clarear logo as duas referências hoje obscuras, citadas acima: o "xará maravilhoso" era um jogador do *team* de futebol do Club Athletico Paulistano, Mário de Andrada (Mário de Andrada e Silva), bisneto de José Bonifácio de Andrada e Silva, o Moço; o Jardim América era "das rosas e dos pontapés" porque lá se jogava futebol, no campo daquele clube. No mesmo poema são citados (p. 74 da edição de 1922) os jogadores, famosos na época, Friedenreich e Bartó (Artur Friedenreich e Bartolomeu Gugiani, ambos do Paulistano), e Bianco (Spártaco Bianco Gambini, do Palestra Itália, hoje Sociedade Esportiva Palmeiras). Nos dois versos do "poema" XXVI do *Losango*, Mário "joga", ou brinca, com os nomes daqueles clubes.

* Poeta e Professor de Literatura Brasileira

Entre as personalidades citadas na *Paulicéia* figura Cincinato Braga (p. 115), historiador e economista, deputado à Constituinte paulista de 1891 e, pela Chapa Única Por S. Paulo Unido, ao lado de Carlos de Moraes Andrade (irmão de Mário), deputado à Assembléia Nacional Constituinte de 1934. Na p. 75 lê-se o nome do ator Tom Mix, herói de filmes do *Far West*, e na p. 50 o de Hermes Pança, provável referência depreciativa ao Marechal Hermes da Fonseca. O bailarino Nijinsky e sua *partenaire*, Karsavina, são mencionados na p. 99. No *Losango*, XVIII, há uma referência a Carlito (Charles Chaplin).

O Trianon, um salão de dança citado na p. 135 e também na metáfora das "bofetadas líricas" (p. 43), ficava na avenida Paulista, sob o terraço onde se ergue hoje o Museu de Arte de São Paulo. "Flor de Abacate" (p. 131) era um clube popular de dança. Dois cinemas são referidos na *Paulicéia*: o Colombo (p. 50), que ficava no largo da Condição, e o Central (p. 75), localizado na rua General Osório. O "boavista triangular" (p. 87), assim mencionado por ficar no Triângulo central da cidade (rua Boa Vista, na esquina da Ladeira Porto Geral, onde há hoje uma agência do Banco do Brasil), era o teatro Boa Vista.

O Triângulo referido acima e no verso inicial do poema "Rua de São Bento" tinha sua base na rua Direita, de onde se descia até o vértice (Largo de S. Bento) pelas ruas 15 de Novembro, João Brícola e Boa Vista. A rua de S. Bento completava a figura triangular. Na rua Direita ficava a casa Kosmos (citada na p. 105), de roupas masculinas. As "torres de São Bento" (p. 101) eram evidentemente as da basílica de S. Bento.

Na praça João Mendes, onde agora se abre o viaduto Dona Paulina, num casarão que procedia da época colonial, tinha sua sede, ainda em 1937, a Assembléia Legislativa do Estado. Os deputados referidos no poema "O rebanho", que saíam "de mãos dadas do Congresso" (p. 57), vinham certamente de lá, passando logo pela rua Marechal Deodoro, que descia daquela praça pelo lado esquerdo de quem desce a atual Praça da Sé. A referência ao Congresso explica-se: até 1930 havia um Senado estadual, além da Câmara. A Bolsa (p. 53) ficava no ângulo formado pelas ruas Álvares Penteado e de S. Bento (Largo do Café). O Piques (p. 86) era a atual Praça da Bandeira.

Ainda no centro da cidade, no meio da praça do Correio, erguia-se a estátua de Verdi (*Losango*, poema XII) e, um pouco acima, na avenida S. João, defronte do largo Paissandu, alguns metros depois da esquina da Conselheiro Crispiniano, ficava a Padaria Suíça (p. 68). Do largo de S. Bento saía o bonde "Sant'Ana" (*Losango*, XIII), que levava Mário ao bairro do mesmo nome, a caminho do quartel do 4º Batalhão de Caçadores (*Losango*, XXXII).

O bonde de Sant'Ana atravessava o Tiête pela ponte Grande, de madeira (substituída pela atual ponte das Bandeiras) e ao lado da pon-

te ficava o Clube Espéria, do qual tirou o poeta o advérbio "esperia-mente" (p. 61).

Como entender o verso "o esqueleto trêmulo do morcego...", da p. 81 da *Paulicéia*? Trata-se certamente de uma metáfora, significando o antigo viaduto do Chá, que era de ferro, como o de Santa Ifigênia. Outra metáfora é "Central do meu rancor inebriante". Nela se evoca a Central de Polscia (p. 69), que ficava na rua do Carmo, junto ao atual Pátio do Colégio, entre o prédio da Companhia de Gás e o "palácio do senhor presidente" (do Estado), mencionado na p. 59.

São freqüentes nos versos de Mário de Andrade as referências aos meios de transporte, principalmente os bondes elétricos. O "Bonde 3" (*Paulicéia*, p. 77) era o "Avenida" que, saindo do largo de S. Francisco, percorria a rua Cristóvão Colombo, as avenidas Brigadeiro Luís Antônio e Paulista, as ruas da Consolação e Coronel Xavier de Toledo, o viaduto do Chá, a praça do Patriarca, as ruas Direita, 15 de Novembro, João Brícola e Boa Vista, o largo de S. Bento, a rua Líbero Badaró, o viaduto do Chá, o largo do Teatro (atual praça Ramos de Azevedo) e, entrando na Xavier de Toledo, seguia para o largo de S. Francisco, invertendo o itinerário da vinda. A referência (p.68) ao "burguês-tílburi" lembra o fato de haver na cidade, na década de 20 e mesmo posteriormente, tílburis de aluguel, principalmente à frente do jardim da Luz.

Lê-se, na p. 115 da *Paulicéia*, uma referência ao "grito inglês da São Paulo Railway" a atual Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, que era popularmente denominada "A Inglesa". Na p. 78, Mário registra o preço da passagem de bonde — "duzentos réis" — e observa também o número de passageiros de cada banco — cinco: "um branco, um noite, um loiro / um cinzento de física e Mário". Esta convivência étnica é uma das fontes — talvez a principal — do *arlequinal* mencionado insistentemente pelo poeta (v. pp. 43, 63, 68, 77, 88 e 95). Na p. 54, S. Paulo é citada como uma "cidade arlequinal". Observe-se que no banco do bonde vão "um branco, um noite, um loiro" e, além deles (ou diferente deles), Mário que, na carteira de identidade, foi identificado como branco, e de fato o era, embora um pouco amorenado. A proeminência dos maxiliares, com que o mostram alguns desenhistas e escultores, é, se não caricatural, exagerada, como exagerada deve ser a referência (*Losango*, poema XXIV) ao "meu pai com seu nariz judeu"; nem mesmo da espessa e negra barba do seu irmão, o advogado Carlos de Moraes Andrade, se projetava tal tipo de nariz...

Além de se referir aos duzentos réis da passagem de bonde, fala Mário de Andrade de "milréis fracos" (p. 67), tipo de moeda sem lastro, oposta aos milréis fortes (o que, na época da *Paulicéia Desvairada* devia ser já um anacronismo) e cita a quantia de um "Conto e quinhentos", ou seja, um conto de réis mais quinhentos milréis. Um conto (de computu) valia mil vezes a moeda unitária, o milréis. A locução "de

beijos" (p. 75) pode significar "de graça", pois até hoje as palavras "no beijo" têm tal significação. Entre as palavras que podem perturbar a leitura dos versos de Mário, figura "jocotoam" (p. 99) que, no texto, vale por "saracoteiam"; relaciona-se, provavelmente, com jocotá, passo gingado de jogadores de capoeira. "Manguari" (*Losango Cáqui*, XVIII) significava um indivíduo muito alto; no mesmo poema e em outros lê-se ara (pronúncia popular) por ora. O "petit-pavé" da p. 106 é um tipo de pavimentação das calçadas; as "rolas da Normal" eram as alunas da Escola Normal da praça da República, assim designadas afetivamente (p. 106); "Batat'assat'ô furnn!..." (batata assada ao forno) era um prego de vendedores italianos do Cambuci (p. 93).

Poderá haver quem não entenda porque o poeta via no pescoço dos deputados, que se mudavam em cabras, "triângulos de madeira" (p. 59), simples alusão ao costume de se porem tais triângulos, nas zonas rurais, no pescoço dos caprinos, para que não atravessassem as cercas de arame. A "flor-do-mal" que "Fundiu esterlinas" (...) "nos oscilantes de Ribeirão Preto" (p. 92) é um símbolo das moças em busca de dinheiro no apogeu da cafeicultura naquele município. O "Sol de ouro dos dentes" (*Losango*, XXXI) é uma metáfora tirada do uso de dentes de ouro; era moda e havia mesmo quem usasse dentadura completa de ouro. O monumento a Olavo Bilac, erguido na confluência da avenida Paulista com a rua Minas Gerais, é referido no verso "Lá está Bilac" etc. (*Losango*, XXXIX). O Monte São Bernardo da p. 85 é apenas uma metáfora; "Papel e Tinta" (p.86) é um periódico literário e o "gato preto" da p. 103 é uma metáfora alusiva ao gato de um conto famoso de Edgar A. Poe. Na p. 55, lê-se o verso "telefone: Além, 3991..." Explicação para esse "Além": ainda em 1930, quando se pedia uma ligação à telefonista, dava-se-lhe o número do telefone a ser chamado, precedido da respectiva estação: Central, Cidade, etc. Por exemplo: Brás, 2431. Mário optou por "Além"...

A "Cadillac mansa e glauca da ilusão", da p. 89, é metáforica. O "Cadillac" de Oswald de Andrade era verde; perguntamos certa vez a Oswald pelo destino do carro. Esta foi a resposta: — "No divórcio, ficou com a Tarsila."

Agora, a citação da "Marcha vem-cá-mulata" (*Losango*, XXXI): "Vem cá mulata" era o primeiro verso do maxixe, ainda muito em voga em 1924, "A mulata que comprou o casaco a prestação".

Concluímos estas anotações com uma referência isolada ao livro *O Clã do Jabuti*. Nele aparece a palavra *autobonde*, designativa das primeiras "jardineiras" do transporte coletivo da cidade. Uma marchinha paulistana de 1924 ou 1925 começava pelo verso "Mamãe me leva de autobonde ao Bom Retiro".